

**HEGEL COMO MESTRE DE PENSAR**

*Paulo Meneses*  
UNICAP — PE

**H**á um pensamento que pensa: que produz conhecimentos, que elabora conceitos. E há outro pensamento que acolhe o que foi pensado: — trata de entendê-lo, e de transmiti-lo. Discorre sobre ele, apresenta-o sob outras formas. A cultura humana, na sua quase totalidade, consiste nessa transmissão de conhecimentos recebidos: uma tarefa nada desprezível, pois enfim nós não descobrimos o fogo, nem a redondeza da Terra, nem a lei da gravidade ou a estrutura dos elementos: quase tudo que sabemos foi aprendido, e quase todos os seres intelectuais existentes nunca produziram uma idéia, mas apenas absorveram e passaram adiante o que lhes foi transmitido.

Esse tipo de pensamento não vai às coisas na sua realidade própria, mas se dirige ao discurso que a cultura de uma sociedade elaborou sobre o mundo. Fica nesse mundo fechado e redondo, e tem tudo para contrair enfermidades como o etnocentrismo, com seu emaranhado de preconceitos. Porque tal pensamento não é crítico — de si mesmo e de seus pressupostos — não tem nenhuma autocrítica, mas é simplesmente bem-pensante, sempre disposto a criticar e a refutar o que não se enquadra no que está recebido e aceito no seu contexto cultural.

Como situar a filosofia na encruzilhada desses dois pensamentos? Na verdade, antes da filosofia propriamente dita, as civilizações tinham seus sábios, que mais do que mestres de pensamento eram mestres de vida: suas sentenças, quase oráculos, condensavam a sabedoria dos séculos, mostravam o caminho do bem e da felicidade. Mas essa literatura sapiencial tinha por lastro a própria vida do mestre, cujo exemplo era a viva ilustração do caminho da

sabedoria. A autoridade do mestre, do Guru, estava acima de discussão; pois era a verdade sagrada, a pura sabedoria: sua "Divina Graça" entre os homens, como até hoje assim se intitulam os Gurus na Índia.

A filosofia começou questionando os pensamentos recebidos, colocando de maneira crítica os problemas fundamentais. E logo surge a figura de Sócrates, que assumiu a função divina de ajudar seus concidadãos a pensar. Toda a sua metodologia — ironia e maiêutica — destinava-se a obrigar o interlocutor a produzir conhecimentos, a descobrir o conceito das coisas sobre as que mais se falava, que pareciam tão óbvias e bem-conhecidas. Sabe-se como pareceu chocante e subversiva sua pretensão de fazer pensar cada um, por sua própria razão, acima das idéias aceitas pela sociedade estabelecida. Seguem a Sócrates seus geniais discípulos Platão e Aristóteles, esses fecundos produtores de conhecimento, cujos conceitos cobrem tal diversidade de problemas básicos, e que marcaram em definitivo toda a filosofia ocidental.

A essas culminâncias de pensamento pensante sucederam-se planícies de pensamento pensado, de epígonos sem a força criadora dos mestres, cujo pensamento tornaram rígido e pobre; no afã de conservá-lo fielmente, fizeram-no perder a fecundidade. Como se fosse possível ser fiel à força criadora, a não ser criando também, à sua imagem e semelhança... E assim vem a sucessão de épocas filosóficas; não vamos historiar-las mas só referir-nos ao momento de raro esplendor, quando no meio de obras secundárias e repetitivas surge a figura do Plotino. Algo parecido sucedeu, quando depois do marasmo dos primeiros séculos da Idade Média ergue-se o vulto gigante de Tomás de Aquino. Posteriormente, vai ser o declínio, no crepúsculo cinzento da Escolástica. A filosofia moderna começou com o cogito do pensamento pensante de Descartes, revolvendo, sob a ótica do sujeito, toda a problemática que afundara no marasmo que o precedeu. Depois a filosofia moderna vai alcançar novas culminâncias no idealismo alemão, de Kant a Hegel.

Chegamos assim ao nosso filósofo, que escolhemos entre tantos nomes ilustres para dar uma idéia do que seja pensamento pensante; do que seja pensar filosoficamente. Esses são pensadores que não apenas propõem teses ou pensamentos geniais, mas que também ensinam a pensar. Mas é de notar que tal pensamento, que chamamos pensante, não se move no vazio, quer dizer, não se assemelha à atividade da aranha, que — dizem — tira de seu ventre toda a teia que produz. Ao contrário, o que caracteriza esses pensadores é a enormidade do material que eles processaram, e a partir do qual elaboraram seu pensamento, criaram seus conceitos. Causa pasmo ainda hoje a riqueza, a pletora de informações que Aristóteles e Platão processaram: como se todos os conhecimentos de sua época tivessem confluido neles, e seu espírito poderoso tivesse decantado, transformado — como a abelha faz com o pólen das flores — toda essa riqueza de informações em conceitos: transmudando o sensível em inteligível, esclarecendo o dado bruto com categorias, fazendo dos conhecimentos que acumularam instrumento e ferramenta para pensar. Há algum "vínculo substancial" entre esse acúmulo de conhecimentos a serem

trabalhados pela reflexão pessoal do filósofo, e a produção de conhecimentos ou elaboração de conceitos que seu pensamento pensante vai operar? Eu diria que sim. Ao refletir sobre essa rica diversidade, ao trabalhar essa montanha de conhecimentos — querendo de certa forma abarcar a totalidade do saber — esses grandes filósofos, por assim dizer, captaram o movimento mesmo do espírito humano, descobriram o seu segredo, ou numa metáfora talvez deslocada, o “código genético” que construiu esses sistemas de pensamento, esses organismos espirituais vivos que o espírito do homem foi criando no decorrer de sua longa história.

Portanto, esses pensadores, tendo captado o ritmo mesmo das criações do espírito, e descoberto sua secreta harmonia e contraponto, tornaram-se por sua vez, aptos para sua grandiosa tarefa de criação, e realizaram o seu destino: de contribuir para a criação de conceitos; ou de serem, na sua época, os porta-estandartes do pensamento pensante. E nunca mais, depois deles, a maneira como se vê o mundo será a mesma, pois reelaboraram a própria formulação, a problemática mesma como as questões antes deles eram postas. Abriram perspectivas revolucionárias: assim Sócrates, descobrindo o “cuidado da alma” como a grande tarefa do homem neste mundo; assim Platão, com sua segunda navegação, explorando pela primeira vez o mundo inteligível e espiritual propriamente dito. Assim Kant, com sua “revolução copernicana”.

E Hegel? Nesse ponto, nada fica a dever a seus grandes antecessores. Seu pensar é uma cascata de “revoluções epistemológicas”. A começar por sua maneira de “pensar não por substantivos, mas por verbos”; pelo deslocamento que operou da matriz cosmocêntrica para a matriz historicocêntrica, fazendo que em lugar dos cosmos fosse a sociedade humana e sua história o eixo de reflexão para o pensamento filosófico posterior. Quanto à massa de conhecimentos que esse filósofo, falecido relativamente jovem, acumulou em sua vida, pode-se chamar de incrível e de fantástica. Departamentos inteiros de filosofia, com todos os recursos da informática, da telemática e do que mais houver, estão longe do que conseguiu processar em algumas décadas de trabalho árduo esse filósofo, que só tinha a seu alcance as precárias bibliotecas dos começos do século XIX, e que escrevia com pena bico-de-pato e à luz das velas... Percorreu com extrema competência campos como o Direito, a História, a Arte, a História da Filosofia e a Filosofia da História, as Religiões. Estudou, com profundidade as ciências físicas e naturais de sua época; e o que é de admirar, mal a ciência econômica nascia, Hegel já acompanhava seus primeiros passos, analisando e anotando a obra de seus fundadores. Dizia que o jornal era a “oração da manhã do homem moderno” e seguia com avidéz todos os acontecimentos de sua época, pois para ele, ser filósofo era pensar o seu tempo, entendê-lo em conceitos. E como o seu tempo foi rico em eventos! Bastaria por si só Napoleão transtornando o mapa da Europa, invadindo a França quando Hegel estava terminando sua “Fenomenologia do Espírito”. Hegel acompanhou com o maior interesse a Revolução francesa, etapa por etapa, e deixou páginas memoráveis sobre o Terror.

Hegel, pois, ensina a pensar enquanto nos estimula a fazer com nosso tempo o que fez com o dele; ou melhor, a fazer como ele fez, e não o que fez. Pois cada tempo é uma realidade, e não há pensamento pensado que possa dar conta do mesmo; só um pensamento pensante pode surpreender o que cada tempo tem de próprio, e encontrar conceitos capazes de traduzí-lo. Nossa época assistiu mudanças do maior alcance, nos planos tecnológico, social, político, etc. Eis um desafio e um convite para que os filósofos procurem extrair o sentido profundo que palpita no seio dessas mutações.

Hegel também abre caminho para um pensar que dê conta da realidade, e não se contente com idéias recebidas, quando ensina uma verdadeira aversão pelo abstrato; tinha mesmo uma obsessão pelo concreto. Sei que falar assim vai contra uma imagem difundida — mas nem por isso menos distorcida e errônea — a respeito de nosso filósofo. Para Hegel, o abstrato era sempre unilateral, e na sua parcialidade, incapaz de abarcar o movimento do Todo. As coisas não são isso ou aquilo, e sim, isso e aquilo. O pensamento abstrato é que isola aspectos e momentos, hipostasiando o que só tem sentido numa rede de relações e no seio de uma totalidade; esquecendo desse modo evidências que a experiência de cada dia nos revela. Hegel cita, como exemplo, o gérmen que tem sua verdade na árvore e que dá origem, e em que desaparece como gérmen; o fruto que é a verdade da flor, que nele murcha e perece. A criança que tem sua verdade no jovem, e esse no adulto; quando as formas imaturas são superadas e ao mesmo tempo alcançam sua verdade na plena realização humana. E isso se estende à totalidade do real: daí a necessidade do pensamento de harmonizar-se com a própria Coisa, de captar o ritmo e o andamento do todo.

Mas por que a mente humana tem essa tendência a fixar-se na unilateralidade? Por que tal dificuldade de acompanhar o movimento do ser em-si e para-si? A resposta está em uma de suas funções básicas que é o entendimento. Ele tem por tarefa, justamente, ser o momento da análise ou dissolução da unidade compacta que a experiência sensível nos oferece: precisa estabelecer distinções, classificar e pôr etiquetas, abstraindo o maior número possível de aspectos, abrindo todo o leque, todo o arco-íris das diferenças. Ora, o que acontece é que esse trabalho se torna absorvente, e a tendência é que o pensamento se esgote aí mesmo: cristalizando os aspectos como se fossem a totalidade, ou a última palavra sobre o real. Isso é notório nas "ciências do entendimento", que hoje em dia monopolizaram o nome de "ciências"; e que tendem a tomar seu esforço analítico, de inegáveis méritos, como sendo a visão autêntica e plena da realidade. Seria o mesmo que tomar um corpo esquarterado como a verdadeira imagem do ser vivo, na beleza de sua unidade, no funcionamento multiforme da vida.

Mas até agora estamos dando voltas, sem pronunciar a palavra fundamental. Hegel ensina a pensar porque seu pensamento é dialético. Pensamento dialético é necessariamente pensamento pensante, porque capta o próprio movimento da vida e a palpitação do real. Por isso, para além do entendimento da vida

e a palpação do real. Por isso, para além do entendimento, Hegel mostrou que havia a razão, que dissolvia as cristalizações do entendimento, e transformava sua galeria de estátuas num delírio de bacantes, dançando ao ritmo da orquestração do Todo. Logo na abertura da Lógica, mostra que o ser e o nada, que parecem tão radicalmente opostos, na verdade, se aproximam até à coincidência; pois esse ser puro, sem nenhuma determinação, predicado ou atributo, é de fato, outro nome do nada, por não passar do vazio total de realidade e de pensamento. Isso vale como exercício lógico, demonstrando que conceitos, dados por evidentes, se são aprofundados até à raiz, revelam que essa clareza excessiva é enganosa e impede de pensar. Mas vem logo o mais importante: sem dúvida, ser e nada, tomados isoladamente, parecem o que há de mais oposto, que nada têm em comum. Porém se passamos ao conceito do vir-a-ser, vemos que nele o nada se transmuda em ser, e o ser soçobra no nada, nos movimentos opostos — que já Aristóteles estudara — da geração e da corrupção. Então, o vir-a-ser não é ser, pois "quod est non fit"; e nem é nada, porque é um ser-vindo-a-ser: é ambos, e não é nenhum deles. Enfrentar-se com o movimento, pensar seus paradoxos, desde "Zénon, cruel Zénon, Zénon d'Elée", tem o efeito de dissolver o pensamento pensado e pôr em marcha o pensamento pensante. Com efeito, o que é que neste mundo não está em movimento? É a lição de Heráclito, que hoje em dia se revela uma evidência, quando se sabe que matéria é energia, que os astros "eternos" são tremendas caldeiras de explosões nucleares, com data marcada para explodirem de vez, e transmudarem sua forma e figura no caldeirão irrequieto do universo: o qual parece muito mais com o fogo de Heráclito que com o céu divino de Platão e Aristóteles.

Estarei com isso dando alguma idéia da dialética? Difícil dizer. Vou tentar outras abordagens, por mais constrangedor que seja estar falando dessas coisas na presença do Pe. Vaz, que entende de dialética como ninguém... Andei comparando o artigo de Labarrière "Hegel, 150 anos depois", com o do Pe. Vaz "Por que ler Hegel hoje", e gostaria que os Srs. fizessem a experiência de cortejar os dois textos, de assunto muito próximo, para ver em que situação fica Labarrière. Se tal acontece com tão glorioso mestre francês, que não será com um obscuro pensador do subdesenvolvido nordeste brasileiro...

Vamos então tentar uma abordagem da dialética por dois caminhos; cada um preferido por um dos meus mestres em estudos hegelianos. Um, o de Bourgeois, que vê os momentos dialéticos sob a conceituação da identidade da identidade e da diferença; outro, o do Pe. Vaz, que se fixa na dialética dos três momentos: universal, particular, singular. Para Bourgeois, o pensar dialético está em detectar não apenas a unidade, nem tampouco a não-unidade — isso o pensar do entendimento faz muito bem — mas em descobrir a unidade da unidade e da não-unidade; ou seja, a identidade da identidade e da diferença. Captar na unidade a diversidade, e na diversidade a unidade: ver que a riqueza da unidade está na diversidade que ela unifica, e que a glória da diversidade está na unidade que a inspira; ou, para a qual ela conspira. Não

sei de que veio essa versão filistéia do hegelianismo como tríade de "tese, antítese e síntese". Deve ter vindo de algum espírito alérgico a todo o pensamento dialético, que imaginava a dialética como uma bateria de retortas num laboratório de químico ou num sótão de alquimista... Na verdade, o que se opõe ao primeiro momento, ao positivo, é a força e o poder estranho do negativo, o qual agindo sobre ele, e sendo agido na mesma medida em que age, provoca a negação da negação: momento em que ambos estão igualmente suprassumidos, suas unilateralidades superadas ou negadas no que têm de unilateral, emergindo uma nova figura: — que também não é definitiva, porque terá por sua vez de passar por sua negação, e pela negação dessa negação. Já o Pe. Vaz vê como pulsação da dialética o movimento do universal, que é negado e restringido pelo particular — momento típico do entendimento — o qual por sua vez é suprassumido no singular, esse "universal concreto", em que a generalidade do primeiro universal se enriquece com as determinidades do segundo momento, ali alcança a sua realização autêntica, onde a unidade está enriquecida pelas diferenças e as diferenças reconduzidas à unidade. Essas noções estão desenvolvidas com clareza no artigo "Por que ler Hegel hoje?".

Haveria ainda outras maneiras de apresentar a dialética, através dos momentos do em-si, do para-si do em-si-e-para-si. Ou então percorrendo os momentos do subjetivo que logo se objetiva e se faz ser, e que encontram enfim sua verdade na união do subjetivo e do objetivo que é a obra do espírito.

Outra abordagem seria o imediato, em si compacto e opaco; mas que graças à mediação, que com a força do negativo o transpassa, se faz translúcido, e vem a ser o mediatizado onde está suprassumida a imediatez inicial, ao ser elaborado em conceitos. Hegel recorre com frequência ao silogismo para dar uma idéia de sua dialética; pois o silogismo em si já mostra a natureza dialética do pensar, que entre dois extremos estabelece um meio termo, através do qual eles se encerram numa conclusão — que é também uma reconciliação dos extremos graças aos bons ofícios do meio termo mediador. Mas nada ilustra melhor a dialética de Hegel que os três grandes silogismos que enfeixam todo o seu sistema. Estão no final da Enciclopédia ( 575 a 577). Ali o Lógico, a Natureza e o Espírito, cada um por sua vez, ocupa um dos extremos e a posição de meio termo: ora é mediado, ora é mediador, o que mostra o fluxo e a dança dos conceitos na dialética hegeliana: ou melhor "as manifestações da Idéia que se pensa, da verdade que sabe" ( 574). Nesses três parágrafos está todo o sistema de Hegel, num deslumbrante lampejo de síntese e de genialidade.

Todos esses esquemas hegelianos, que percorri de forma muito sumária, nada adianta aprendê-los. Sua única função é fazer pensar: pôr em movimento a razão, levá-la a produzir conceitos que sigam o movimento do concreto, do real. Estudar a obra hegeliana (qualquer de seus livros, mas minha referência são a Fenomenologia e a Enciclopédia que traduzi) é refazer seu percurso dialético: é repensar toda essa riqueza de perspectivas, é acostumar-se, a exem-

plo de Hegel, a descobrir o universal no particular, e ambos no singular. É detectar a unidade na diversidade, a diversidade na unidade; é passar os conceitos, que parecem claros, pelo crivo de sua negação; superar a unilateralidade do entendimento num esforço sempre recomeçado de razão. Ora, isso é praticar o pensamento pensante, que parece ser a única forma de entender Hegel. Assim, acho que é este o motivo de Hegel ser pouco estudado: muita gente se recusa, de entrada, a operar essa conversão dialética: aferra-se à unilateralidade das noções já aceitas e recebidas; ou então, propõe de Hegel uma versão anódina e oca, como aquela da tese-antítese-síntese. Quando não partem para a denúncia ideológica, política, etc, querendo baixar um pensamento tão amplo e rico à planície filistéia das disputas ideológicas.

Mas um mestre que quer ensinar a pensar, deve alertar os discípulos contra os falsos caminhos e desvios do pensamento. Hegel não se cansa de advertir para duas formas — uma imperfeita, outra, distorcida — que assume com frequência o pensamento. A primeira é o pensamento representativo. De si, essa forma de pensar teve, — e ainda tem — uma função importante: foi a alma dos mitos, onde o pensamento pré-filosófico depositava em imagens suas verdades. Um modo de conhecimento verdadeiro, que está presente na poesia, nas artes em geral, e muito mais amplamente, como Barthes demonstrou, em toda a linguagem humana, que se move numa atmosfera de símbolos. Esse pensamento encontra sua verdade em imagens e através delas; e é de certa forma dialético, pois as analogias têm uma dialética implícita, operam uma travessia entre diversas ordens do ser, entre as quais estabelecem pontes e unidade. Porém recusar-se a passar do pensamento representativo ao conceitual, "ex umbris et imaginibus ad veritatem", seria contentar-se com imagens e desistir da Coisa, ou da realidade verdadeira: ficar nas "formas transitórias e imperfeitas", ou seja, como diziam os antigos, "tomar a nuvem por Juno". Seria contentar-se com os andaimes, que servem para fazer subir a construção, como se fosse o edifício mesmo; ou dar-se por satisfeito com a maquete de papelão, dispensando o prédio de mármore ou granito.

O outro desvio é o pensamento raciocinante. Tem a pretensão de dar conta de tudo, de mover-se com desenvoltura entre verdades e sistemas, argumentos e conclusões, quando na verdade não penetra em nada; é como o surfista afluando a crista das ondas, fazendo piruetas entre suas espumas, mas sem nunca mergulhar nas profundezas das águas. Hegel diz que tal pensamento vaga por sobre o conteúdo, na liberdade de um pedantismo arbitrário, que nada tem a ver com o ritmo próprio do conceito, que apenas aflora. Sabe criticar, e mostrar os lados negativos, reduzir a nada as posições alheias; mas esse vazio, que em tudo encontra, é apenas consequência de sua própria vaidade. É característico do pensamento raciocinante o discurso em que a um sujeito imóvel são sucessivamente atribuídos e retirados predicados diversos: totalmente diverso é o pensar dialético, que entre o sujeito e o predicado efetua um movimento, um refluxo de um para o outro, que é a própria vida do conceito.

*Outro título que Hegel apresenta como Mestre de pensar é sua preocupação com a felicidade do homem, com o bem-estar do indivíduo. Queria uma filosofia que se dedicasse a esse problema; por isso nas primeiras etapas em que constituía seu pensamento, tinha uma aversão pelos filósofos em geral, que acusava de descuidar essa questão fundamental. Se a filosofia não tinha o que dizer sobre essa questão básica, de que poderia servir? Seria uma filosofia inimiga da vida: incapaz de acompanhar sua pulsação, e portanto de entendê-la verdadeiramente. Que contraste apresentava essa filosofia exangue com a intuição artística, o êxtase religioso, os transportes do amor! Ali sim, estava a vida, e a experiência humana da vibração e da plenitude do ser, que era toda a sua felicidade. Mais tarde, na evolução de seu pensamento, Hegel não demorou a descobrir que a razão — mais profunda que o atendimento — tinha a capacidade de esposar todos os contornos do ser, todos os movimentos sinuosos da vida: porque era dialética. Em vez de aplicar etiquetas mortas na pulsação da vida, ela entrava em comunhão e convivência com a vida, movia-se a seu ritmo e compasso. Essa virada decisiva na formação do pensamento de Hegel encontra-se exposta na bela Introdução que Bourgeois escreveu para sua tradução da Enciclopédia, e que acrescentamos em anexo à nossa tradução da Lógica.*

*Ora, pensar a felicidade do homem, encontrar pela reflexão filosófica caminhos para conceituar esse problema fundamental é uma tarefa que só pode ser empreendida pelo pensamento pensante. Aqui não há fórmulas feitas, nem soluções definitivas, pois, como dizia Guimarães Rosa, "o homem é travessia", e assim abre horizontes e traça seu caminho através da própria marcha. O problema da felicidade é eminentemente ético, pois no ser espiritual, a felicidade que é exigência básica de todo o existente, assume, por assim dizer, a forma de um "imperativo categórico": esse ímpeto de realização, essa ânsia de ser mais, de expandir-se até aos limites do seu ser, e se possível de superar estes limites. Santo Tomás falava da "expansão do ato", e o Pseudo Dionísio do "Bem, difusivo de si mesmo". Para eles o movimento do ser, do existente, não era orientado para a morte, mas para a vida. Eram uns inabaláveis otimistas, sobre os quais não pesava nenhum "crepúsculo dos deuses" nenhuma "decadência do Ocidente" ou "pesadelo totalitário"; as coordenadas de seu pensamento eram a fé na razão, a aposta no bem e na felicidade do homem. Nada nos proíbe ainda hoje, no meio da violência e da feiúra que nos cerca, de pensar no futuro e de prepará-lo; mas para isso é preciso crer no homem, no seu direito e dever de ser feliz — e portanto na possibilidade de conseguí-lo.*

*Enfim Hegel nos ensina a pensar por sua preocupação constante com a liberdade. O artigo do Pe. Vaz "Por que ler Hegel hoje?" apresenta o essencial das posições de Hegel sobre esse tema. Para Hegel, a liberdade definia o ser humano e todas as suas criações: era a razão de ser do Direito, que organizava a vida social; era o destino e a orientação da história, cujo eixo ou vetor principal era "o progresso da consciência da liberdade". Daí sua paixão de*

juventude pela Revolução francesa, essa estupenda explosão de liberdade. E mesmo quando o Terror acabou com seus sonhos, nem assim Hegel rejeitou o legado libertário da grande Revolução: apenas buscou corretivos e mediações que canalizassem o ímpeto de liberdade pelos caminhos da vida, para a construção da convivência humana, em vez de se perder numa embriaguez de morte e destruição. Hoje em dia precisamos pensar a ampliação e o aprofundamento da liberdade, de modo que seja liberdade para todos os povos, classes, minorias; e não como a liberdade grega que só valia para os senhores; nem como a liberdade burguesa, que tem sua lógica na democracia censitária, pois discrimina, de fato os homens por seu nível de renda, seu poder econômico. Liberdades formais que tenham por lastro condições efetivas de realização para todos; e portanto, a limitação de poderes que levem à opressão de categorias sociais mais fracas e mesmos de povos inteiros.

Mas também uma liberdade que se funde na verdade, pois, como diz o Evangelho, "só a verdade vos tornará livres". Isso em nossos dias exige libertar os homens da desinformação, da manipulação das notícias que interesses poderosos operam em nossas sociedades. Enfim, a liberdade espiritual, de maneira que a pessoa humana possa realizar seu destino transcendente, sua perfeição moral; ter uma vida digna de filhos de Deus que nós somos, sem ficar prisioneiros dos instintos e paixões, mas ganhar altura em direção à verdadeira grandeza humana, à perfeição, à contemplação, à santidade.

Infelizmente, Hegel, que conclui sua Enciclopédia com as sublimes palavras de Aristóteles sobre a contemplação, ficou aquém da verdadeira meta: porque, ao reduzir a contemplação à visão totalizante da dialética, não deu o último passo rumo ao Absoluto inefável que é Amor, que está além do Conhecimento e da Ciência, e que se contentava com o entendimento e suas limitações; mas sua razão, por mais dialética que fosse, só alcançava uma miragem da verdadeira contemplação em que Deus se comunica; onde a inteligência tem a experiência de Deus, da Verdade e do Amor "em si e para si" como Hegel gostava de dizer.

Assim como a verdade do entendimento era deixar absorver sua dispersão analítica no movimento integrador da razão, resta ainda efetuar um novo passo, — ou como Platão diria, uma última e definitiva navegação — onde a razão encontrará sua verdade ao ser absorvida no oceano sem margens da contemplação. Mas aqui, Hegel não pode ajudar muito, pois seu racionalismo iluminista fez dele um Mestre de pensar, mas não um Mestre de contemplar. Aqui temos de valer-nos de outros Mestres, como Plotino e João da Cruz, ou melhor, de nenhum Mestre humano, pois toda a palavra, todo o "logos" do entendimento e razão é aqui suprassumido na luz do Verbo, no abismo insondável de sua verdade que é amor, liberdade e júbilo infinitos. "Gloria Dei vivens homo; gloria autem hominis visio Dei".

## Referências Bibliográficas

*Este trabalho como referência básica a Fenomenologia do Espírito (Vozes 1992) e a Lógica e a Filosofia do Espírito (I e III vols. Da Enciclopédia das Ciências Filosóficas) que Loyola publicou em 1995. Ao traduzir estes livros parecia-me que Hegel abria a cada passo novas perspectivas para se pensar, e que refazer seu périplo dialético era um excelente exercício de pensamento.*

*Além dos textos do próprio filósofo, ajudaram-me muito em sua compreensão os artigos do Pe. Vaz (cito em particular "Por que ler Hegel hoje? Boletim SEAF, 1982)" e Bernard Bourgeois (ver a Introdução à sua tradução da Lógica da Enciclopédia, que publiquei em anexo à minha própria tradução da Lógica). Para uma primeira abordagem ao pensamento hegeliano, pode servir meu Roteiro "Para ler a Fenomenologia do Espírito" Loyola, 2ª edição, 1992. Um estudo mais profundo da Lógica, além da tradução comentada de Bernard Bourgeois (Vrin. Paris, 1979) pode ser ajudado pelo "Commentaire Littéral de la Logique de Hegel" de André Léonard (Vrin. Paris, 1974).*

Endereço do Autor:  
Rua do Príncipe, 526  
50050-900 Recife — PE